

## ***Gente amiga de perto e de longe,***

*O melhor de mim são os outros.*  
**Manoel de Barros**

Depois de responder com breves mensagens, às que algumas pessoas amigas me escreveram perguntando por meu estado de saúde, resolvi escrever uma carta coletiva (velho costume meu) com mais detalhes.

Voltei de mais uma jornada no hospital, inclusive com dias na UTI. Estou em casa agora, entre exames, consultas e fisioterapia.

A leucemia está sob controle, e os últimos hemogramas tem sido muito bons. Mas sigo com um feroz tratamento de quimioterapia de imunoterapia. Claro, aos 83 anos estou com o coração enfraquecido (só o físico) e também o pulmão.

Perdi 22 quilos, o gosto pela comida (mas não pela vida), e estou muito enfraquecido. Em casa estou entre a cadeira de rodas (como agora) e o andador. Espero voltar a caminhar com bengala logo. Uma caminhada em casa, de 20 metros me cansa mais do que quando eu (andarilho inveterado) passava dias entre trilhas. Eu, que escalei o Dedo de Deus, participei da equipe de conquista do Paredão Baden-Powell, no Irmão Maior do Leblon, e fiz o Caminho de Santiago. Sendo eu um frequentador de acidentes graves e de cirurgias, acho que haver chegado à esta idade é uma benção, se não for um milagre. Estou velho, magro e feio. Mas vivo ainda!

Mas há um outro lado em tudo. De repente me vejo sendo cuidado.

Dependo de outras pessoas para quase tudo, desde médicos e enfermeiros, até a “gente de casa”. Aos 83 anos me vejo como se tivesse 3 anos. E a minha gratidão a pessoas que vão da Dra. Gislaine até Maria Alice, André e Luciana, é sem limites.

Pessoas amigas seguidamente me vêm visitar, agora que minha imunidade voltou. E esta sem sido uma enorme felicidade, embora eu ainda tenha dificuldades para falar.

Depois do enorme agito de 2021, com as inacabáveis lives ao redor do Centenário de Paulo Freire, eis que, doente, vivo dias extremamente tranquilos. E os aproveito para fazer o que sempre foi a minha quase maior alegria: ler e escrever. Leio e releio livros de

autores que sempre me tocaram, entre a poesia, a espiritualidade, e a antropologia. Estou lendo toda a obra (ou quase) de Pierre Teilhard de Chardin, que me acompanha desde 1962. Ouço música, desde a clássica, que sempre me acompanhou (Beethoven no centro de tudo), até modas de viola (algumas delas de amigos queridos).

E escrevo desmesuradamente. Depois da “sequencia galega” e dos livros voltados à educação popular, abri o leque dos meus desejos e imaginários, e entre a poesia e a antropologia, me vejo, aos 83 anos, como quem “alça voos do espírito”.

Alguns escritos de 2020 para cá foram incorporados a livros coletivos. Outros são “livros solo” que com alegria anuncio a vocês.

A Editora Pangéa publicou meu livro de memórias entre estudante e professor : *Eu, professor – pequeno inventário de memórias*. E publicou também meu pequenino livro de poemas para jovens: *Ontem, Agora, Nunca!* A Editora Paladar Cultural está publicando o *Artesãos do Absurdo - dilemas do humano em escaladas de alta montanha no Himalaia*. E também outro livro de poesia para jovens: *Céu de Passarinhos*. A Editora WAK, do Rio de Janeiro (e de Copacabana, onde eu nasci), publicou *O Primata que aprende – como a educação começou a acontecer no mundo*, e agora está editado: *Por uma Pedagogia Peregrina*. E enquanto eu viver e a “mão e a cuca” funcionarem, seguirei a minha sina de leito e de escrevinhador inveterado.

Este é momento de juntar as palmas das mãos, curvar um pouco o corpo e dizer a todas e todos vocês: GRATIDÃO!

Um abraço amigo,

*Carlos Brandão*